

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Dezembro de 2023 - Nº 618

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DO ACERVO LITERÁRIO “ESPAÇO IVAN MARIANO SILVA”.

L. A. GENGHINI

De pequeno que sou, agitando-me ao poder tecer alguns comentários na solenidade de inauguração do ACERVO LITERÁRIO ESPAÇO IVAN MARIANO SILVA, ocorrida em 08 de dezembro de 2023, não por acaso o dia do Voluntário e da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

Ivan Mariano Silva poderia ter saído de Monte Sião em busca da fortuna, mas ficou e encontrou a riqueza, tornando-se uma das pessoas mais queridas, respeitadas e proeminentes de seu tempo, em Monte Sião, por ter participado de todos os eventos importantes de sua época.

Sem nunca ter entrado para a política, fez parte do grupo de pessoas que instituiu o Ginásio e a Escola de Comércio; foi colaborador do jornal Monte Sião, desde a sua fundação, foi um dos fundadores da Fundação Cultural Pascoal Andreta e do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e sempre esteve ao alcance de quem dele precisasse ou simplesmente quisesse ouvir ou contar uns causos de pescaria. Severo, acolhedor e preocupado com a preservação da cultura e dos valores da comunidade historiou escrevendo crônicas e contos. E nos advertiu, quase gritando, na crônica publicada à pág. 273 de seu livro Crônicas de minha gente, “Você ama Monte Sião e pronto! Entupa, como dizíamos, os antigos. Só que tem uma coisa:

youê amaria muito mais se tivesse vivido momentos que se evanesceram melancolicamente, para depois, num tapa, sumirem sem se despedir”.

Eu, neto do italiano Antonio Genghini, até os 21 anos trabalhei e estudei em Monte Sião. Depois ganhei o mundo em busca de meus sonhos, tendo acabado em São Paulo, onde estudei, trabalhei e constitui família. Lá pela década dos 90 comecei a contribuir com o Monte Sião enviando minhas crônicas, formando um laço de amizade que se mantém firme e forte até nossos dias. Como professor e pesquisador desenvolvi vários estudos como a publicação do livro a Imigração Italiana no Sul de Minas – O caso da família Genghini, sendo que atualmente estamos apresentando o resultado da pesquisa que aborda os escritores e autores Monte-sionenses.

Para dar conta desta tão importante missão de me pronunciar no avento de inauguração, busquei fundamentos em alguns dados relacionados na pesquisa intitulada CATÁLOGO DE PUBLICAÇÕES DE AUTORES E ESCRITORES DE MONTE SIÃO-MG, que forneceu livros, informações e materiais que contribuíram para a viabilização do espaço literário.

O trabalho de pesquisa foi dedicado à gente de Monte Sião, aos que se preocuparam em documentar o cotidiano da cidade, aos que registraram seus amores e suas paixões, aos que

beberam as mágoas, aos que estudaram em busca de tempos melhores, aos que sonharam sonhos multicoloridos em suas crônicas, aos que salpicaram nossos céus com as estrelas de suas poesias, aos que contaram as peripécias de suas longas viagens, aos que pintaram nossas aquarelas, aos pescadores e seus causos, aos romeiros de Aparecida, aos violeiros e folgazões que em seus versos cantaram amores impossíveis e façanhas fantásticas e àqueles que sob as luzes de lamparinas, agarrados aos seus terços, seus livros sagrados, às ladainhas e à fê inabalável, clamaram por dias melhores e sonharam uma Monte Sião brilhosa e altaneira, como as estrofes do hino a Monte Sião, legado pelo eterno professor Pascoal Andreta. O trabalho foi dedicado especialmente ao professorado, em particular à nossa madrinha Ivanir Comuni Bernardi, que iniciaram o difícil e prazeroso labor do ensino, cuja repercussão transcendeu ao tempo e hoje povoa a cidade com uma invejável rede de estabelecimentos públicos e particulares de ensino, dos quais saíram muitos dos autores monte-sionenses.

Durante todo o trabalho tivemos as imprescindíveis ajudas de autores, familiares e profissionais de outras áreas, a quem agradecemos de todo o coração e o principal objetivo da pesquisa foi perpetuar textos, publicados por autores monte-sionenses. A Pesquisa teve início espontaneamente,

em julho de 2022, por nossa iniciativa e, com ajuda dos amigos e dos autores, fomos identificando outros escritores, catalogando as obras e adquirindo-as por diferentes modos.

A fim de manter a padronização dos registros, seguimos os modelos previstos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, e para melhor entendimento os autores foram relacionados e classificados pelo sistema alfanumérico e são os seguintes:

1. Irmã ANDREA COMUNE, IRMÃ, PGAP, que viveu para Deus e cultivou plantas medicinais!
2. ANTONIO EDMAR GUIRELI (TONINHO GUIRELI), futebolista, advogado e contador de causos.
3. ANTONIO MARCELLO DA SILVA, o mais monte-sionense de todos nós.
4. APARECIDO (CIDO) BOAVA, o jardineiro poeta.
5. ARIIVALDO GUIRELI, professor, radialista e grande escritor.
6. AUGUSTO GOTARDELO, professor de português, com extensa obra.
7. BENEDITO DITO PEREIRA, o amante da lua. Não tem obra escrita, mas permanece no imaginário da cidade.
8. BERNARDO BERNARDI, e as deliciosas histórias da Loja do Plácido.
9. BIANCA GENGHINI CANDIDO, jovem Engenheira de Alimentos e pesquisadora.
10. BRUNO LABEGALINI, autor de crônicas memoráveis.
11. EDNA BARBERATO GENGHINI, psicopedagoga e pesquisadora.
12. ERALDO MONTEIRO, nosso grande poeta Popo de Sion
13. FREI PIO SAMPAIO DE OLIVEIRA, OFMCAP, deixou dois livros importantes para o entendimento da bíblia. Lutou muito por Monte Sião.
14. GIUSEPPE PENNACCHI, nosso professor pioneiro, que escreveu a primeira monografia registrando a história de Monte Sião, no início do século XX.
15. ILSON JOÃO MARIANO SILVA, apaixonado com alma de menino.
16. IVAN MARIANO SILVA, nosso guru, nosso mestre. Que falta nos faz.
17. JAIME GOTTARDELLO, jovem dentista e filósofo. Cheers!
18. JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER, professor radicado em Guarulhos, dono de vasta obra.
19. JOSÉ ANTONIO ANDRETA, autor de dois livros sobre Monte Sião. Conta-

uma pinga das boas”. O Lazo Mirto aplaudiu molemente, solicitando o apoio dos presentes, infelizmente, ausentes. “O Papa Martim – tio Límpio tinha lágrimas de 18 graus, de fazer colar, da cabeceira, cana cortada sem queimar – não sabe, tadinho, o que seja a gostosura de uma viola de dez cordas e nem provou da linguiça assada no álcool – quem não bebe, come. Não pode imaginar a lindura de uma catira bem batida nem a beleza de um faroeste do Biliôti, no cinema do Cid. Nunca matou um preá no estilingue. O Lazo estava curvado no púlpito, em prantos, emocionado com a dramacidade do orador – Para terminar o sermão, tio Límpio lançou seu grito de guerra: “Joaquim Paulino, por

dor de causos sobre os mistérios do Morro Pelado.

20. JOSÉ AYRTON LABEGALINI, engenheiro, professor, espeleólogo. Carreira e vida dedicadas a Monte Sião.

21. JOSÉ CARLOS GROSSI, poeta e mantenedor da Editora AcervoEdições Artesanais.

22. JOSÉ CLAUDIO FARACO, professor, aventureiro e viajante pelo Brasil. Meu amigo de sempre!

23. JOSÉ LINDBERG GOTTARDELLO (BERG), o ilustrador de Monte Sião.

24. LEONARDO LUIZ LABEGALINI DE OLIVEIRA, jovem escritor de livros didáticos voltados a indústria da malha.

25. LOURENÇO GUIRELI JÚNIOR, o maior historiador de Monte Sião. A ele devemos todas as citações!

26. LUIZ ANTONIO GENGHINI, professor e pesquisador.

27. MÁRCIO (MARZIO) LABEGALINI (LABIGALINI), engenheiro, violeiro e poeta.

28. MATHEUS ZUCATO ROBERT, bom de contos e de estórias – Valeu, primo!

29. OVÍDIO BERNARADI, grande advogado municipalista. Fez carreira memorável em Itatiba.

30. PASCOAL ANDRETA, o homem dos 7 instrumentos. Dedidou sua vida a Monte Sião.

31. PAULO ROBERTO LABEGALINI, professor universitário em Itajubá. Vários livros.

32. PAULO TEÓFILO, psicólogo e poeta sensível.

33. PRISCILA BELETATO, jovem psicopedagoga.

34. RAIMUNDO ESTEVES DA SILVA, desenvolveu a agropecuária de Monte Sião e nos deixa dois livros essenciais.

35. RENATA XAVIER B. AMARAL, jovem Monte-sionense, escreveu sobre a obra do Prof. José Cláudio Faraco.

36. ROMILDO LABIGALINI – Cronista de mão cheia. A história viva de Monte Sião.

37. ROSANGELA FERRARI – jovem modelista e professora, escreveu para o desenvolvimento técnico da indústria malharista da cidade.

38. SEBASTIÃO MANTOVANI, de Monte Sião, fez carreira na indústria têxtil e na política de Itatiba.

39. TADEU F. RODRIGUES, Criado em Monte Sião e radicado e Poços de Caldas. Muitas obras e potencial para muito mais.

40. TAÍS GODOI FARACO, texto sensível e comprometido. Pés no chão.

41. TÚLIO AUGUSTO DE

que estás tão triste?”, usando a música de “A Jardineira”, dando por encerrado seu recado e preparando os beijos para a próxima pinga entradeira.

Acalmado e refeito do pranto, com os dedos entrelaçados sobre o peito, o Lazo Mirto iniciou sua prédica. “Caríssimos irmãos” e olhou para os irmãos ausentes. Da sacristia assoma o padre Gustavo. Foi a primeira vez que tio Límpio demonstrou seu fervor católico. “Nossa Senhora”, gritou e partiu, curado do fogo, igreja afora. O mesmo fez o Lazo Mirto, só que devagarinho e proclamando “Jesus amado, valei-me”. No valei-me já estavam com o umbigo no balcão, o Joaquim Paulino com cara de poucos amigos.

A cidade, horrorizada, deu-

PAIVA PEREIRA, Gerente da CEF – o primeiro a nos mandar seus textos. Obrigado por acreditar.

42. UGO LABEGALINI, o eterno homem do FNM. Quantas saudades.

43. WALDEMAR GOTARDELO, metódico, exigente e sensível. Um grande proseador que dedicou seu livro a perpetuar personagens da cidade.

A AcervoEdições Artesanais, mantida por José Carlos Grossi, o Kuaia, já publicou mais de 30 títulos de autores monte-sionenses e o Projeto “O Semeador de Livros”, parceria entre a Fundação Pascoal Andreta e a AcervoEdições Artesanais, foi instituído com o objetivo de contribuir com a cultura da cidade produzindo e distribuindo livros, escritos por pessoas de Monte Sião.

Embora a Farol dos Monges Edições esteja com as atividades suspensas atualmente, conforme informou Pe. Bruno Luciani Santos Genghini, ela já produziu e editou diversos títulos de interesse para a cidade.

Quando ao Jornal Monte Sião, registramos a edição 617, referente ao mês de novembro de 2023, ao longo de mais de 65 anos de atividade, desde 1958.

Em 11 de novembro de 2023, quando realizamos o corte, registramos uma relação nominal de 43 autores com um total de 201 publicações, porque no limiar da inauguração identificamos mais um autor de dois livros, o jovem engenheiro industrial LEONARDO LUIZ LABEGALINI DE OLIVEIRA.

No segundo semestre de 2023 a Câmara Municipal, por intermédio do Presidente Platini, de seus colegas vereadores e colaboradores, imaginou a criação de um espaço literário que acomodasse e disponibilizasse as obras de autores de nossa cidade. Procuraram pela Fundação Cultural Pascoal Andreta e por intermédio de convênio, tendo como referência e material de apoio a nossa pesquisa, viabilizaram a instalação, em caráter permanente, do ACERVO LITERÁRIO “ESPAÇO IVAN MARIANO SILVA”, que fica à disposição da comunidade, em especial das escolas, de professores, de estudantes e de pesquisadores.

Não paramos por aí, vamos continuar porque é útil e nos dá prazer. Obrigado a todos que compareceram, continuam contando com vocês. Sinto-me honrado! Obrigado!

se conta do sucesso inusitado e inédito. Os mais religiosos não tiveram dúvidas: os dois iriam para o inferno, com tripa e tudo. Mas não foram. Bêbado de boteco vai para o céu, pois o Senhor também provou um golinho das boas nas Bodas de Caná, além disso, São Jorge matou o bicho e Santa Joana D’Arc morreu no fogo. E tem mais: que diabo vai aguentar bicudo nos quintos dos infernos?

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

IVAN

Segunda-feira, duas da tarde. Monte Sião hiberna no torpor do ermo das suas ruas. No alpendre da casa do Largo, a Nina faz croché, protegendo-o com alva toalha estendida sobre os joelhos. Pode-se ouvir o inaudível atrito da agulha levando a linha pelos espaços da laçada. Da bigorna o Sérvulo puxa retinidos que morrem no espaço silente. Na Rua Direita, a buzina asmática do carrinho de sorvetes alerta a freguesia, mas não há alguém para atendê-la. O cavalo dorme preso à argola chumbada ao meio-fio do armazém do João Caetano sem uma mosca no lombo. Sem resposta ao seu pio de curto alcance, o filho do tico-tico enrouquece e cala. Arfando de enfisema, a máquina de beneficiar arroz do Mariano se esfalfa nuns restos de grãos partidos. No mais, é um velório só.

Do Bar do Joaquim Paulino, onde tomavam as doze últimas saideiras, aparecem o Límpio e o Lazo Mirto lado a lado e partindo rumo à igreja. São apenas eles no Largo, e apenas eles estão dispostos a fazer um, ou melhor, dois grandiosos sermões de meter inveja no grande orador de temas políticos da ocasião, o senhor Bertardeli.

Olimpio Rielli era meu tio. Morreu aos 33 anos, depois de

um fogo ininterrupto de três meses. Houve quem afirmasse que se tratou, na verdade, de um incêndio, com direito a aceiro e a bombeiro. Morte feliz, previsível, em cuja proximidade ele pedia mais um gole de Miss Caramba, sua assassina involuntária e preferida. Era um exemplo de contradição: nunca tirava o chapéu da cabeça que lhe conferia alguma distinção e jamais calçou um sapato que lhe proporcionou pés enormes e esparramados. É possível que Portinari, ao pintar São Francisco na igrejainha da Pampulha, deu-lhe aqueles gigantescos pés de andorilho inspirado em meu tio. Amei muito esse tio. Monte Sião perdeu algo da sua graça com sua morte e uma faceta do seu folclore.

O Lázaro Milton era – ou é? – um negrão espigado e lerdo, de voz pastosa e olhos morteiros de boi manso. Andava em câmara lenta e, ao ser cumprimentado, raciocinava para responder; aí já era tarde. As palavras lhe saíam a custo e encompridadas, como se alguém as esticasse em sonolenta ladainha e, às vezes, decerto cansado, as pronunciava apenas até à metade, deixando o restante para que a gente adivinhasse o final. Sua mãe era a Ditinha do Tijoleiro, parece que nasceu viúva, pois não se a conheceu em outra condição e não se sabia quem tratava a quem, já que

a pobreza de ambos era consorciada.

Saíram Límpio e Lazo Mirto cochichando, rindo com a mãe na boca, sorrateiros, aprumando o zigue-zague em direção à igreja. Dois ou três fiéis que oravam contritos nos bancos desertos se escafearam imediatamente, fugindo das presenças inconvenientes e desrespeitosas. Onde se viu? Bêbados na casa de Deus? Uma heresia, um abuso, sacrilégio, profanação, blasfêmia.

Tio Límpio optou pelo púlpito da direita, pouco usado pelos padres e também para privilegiar o companheiro de bar, mais digno que ele, com direito, portanto, de ocupar o da esquerda, o preferido dos sacerdotes de boa oratória. Instalados cada um em seu púlpito, o primeiro a falar foi tio Límpio, por ser o mais velho e ter o mérito de conhecer maior variedade de cachaça, deixando, nesse particular, o Lazo em quinto lugar, apesar de apenas os dois concorrerem. Educado, o Lazo acedeu e respeitosamente aguardou. Outros fiéis que pensavam em entrar no templo retrocederam com o nariz torto. “Viva o Papa Martim”, começou bravamente tio Límpio com a imediata aprovação do Lazo: “Viva”. Continuou: “O Papa Martim, esse santo homem desgraçado de bom, em vez de vinho, devia era experimentar

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 62

ISMAEL RIELI

Saudade quase se explica Nesta trova que te dou. Saudade é a falta que fica, Daquilo que não ficou.

Tia Emília uma mulher sofrida.

Tia Emília, Tia Milha pra nós, nasceu para sofrer. Primogênita do casal Antônio Gotardello e Ernesta Genghini moçoila, com cerca de 16 anos viu-se órfã com 6 irmãos para ajudar meu avô a criar: 2 meninos: Lourenço(paraplégico) e Paulino (Nino), 4 irmãs: Helena, Anita, Julia (Neca), Ernestina (Nestina) gêmea de Margarida que não sobreviveu ao parto de minha vó que se foi esvaindo em sangue. Naquela época, primeiro quartel do século 20, muitas mulheres morriam de parto.

Casou-se com Hermínio Zucato e teve 7 filhos: Jair ,Nene, Vantuir, Natalino, Hermínio, Odilde e Nina. Com a morte prematura do marido, o musico Hermínio, viu-se viúva com 7 filhos pequenos. Não esmoreceu. Com classe carregou a cruz com os filhos labutando desde criança.

O caçula, exímio músico como o pai Hermínio, carinhosamente chamado de Mimo pela mãe foi o primeiro que a nefrite levou. O baque foi forte demais, Tia Milha quase capitulou.

Casado com Irene Labigalini, pai de 3 filhas pequenas, o pedreiro Vantuir foi o segundo que a congênita nefrite levou. Mais um golpe pro coração de Tia Milha. Irene, a Nora, como a sogra arrumou coragem para criar e dar estudo pras filhas. Sogra e nora – duas heroínas.

Quando Padre Natalino foi designado pra igreja de Crisólia, em Ouro Fino, Tia Milha foi morar com ele.

Natalino foi transferido pra Paróquia de Estiva ou Itapeva? na Fernão Dias perto de Pouso Alegre. Sentiu-se mal. Removido pro hospital São Camilo em São Paulo. Em poucos dias a nefrite o levou. Naquela época eu morava em São Paulo. No carro fúnebre acompanhei o translado do meu primo para Monte Sião com uma paragem em Estiva, onde uma multidão aguardava para o adeus ao querido Pároco.

Depois de cada baque Tia Milha passava uns dias na casa da Lena, aqui no nosso sítio. Tinha uma risadinha curta, intermitente, gostosa. Tinha pavor de raios e trovões. Uma boa companhia para nós que gostávamos tanto dela.

Os filhos: Nene(Ivair) casou-se com a Bastianinha e teve 7 filhos: Ademir, Ditinho, Maria Emília, Beto, Claudia, Luis e Eduardo..

Do casamento de Jair com a Terezinha do Oscar de Castro nasceram 3 meninas: Fátima, Celina e Elenice.

Vantuir casou com Irene Labegalini e também tiveram 3 filhas: Cristina, Regina Célia e Josélia. Odilde casou com o jardineiro Zé Durante (que plantou o jatobá do banco Itaú de Águas de Lindóia) são os pais de Maria Aparecida. Do casamento de Nina com o Zé Pedro, de Socorro nasceram José Eduardo e Valéria. Dessa turma restam fortes e rijas Terezinha do Jair, Irene do Vantuir em Monte Sião e Nina do Zé Pedro em Socorro.

Tia Milha, a heroína que carregou uma cruz pesada, deixa muitos descendentes para gaudio de sua terra natal.

X X X
Ilusão de ter nos olhos
Os olhos da linda ausente,
Saudade faz viver perto
Quem está longe da gente
X X X
O que é que Deus nos dá
duas vezes e a terceira nós te-

mos que comprar?
- Os dentes!
E como são caro os implantes! Não são pra qualquer um.
X X X

Coloquei o teu retrato
No meu relógio, querida:
- Faze, agora, o que quiseses

Das horas da minha vida.
X X X
Chico Buarque, no princípio era conhecido como o filho do insigne historiador, Sérgio Buarque de Holanda, autor do clássico Raízes do Brasil. A fama do filho, cantor e compositor de truz, cresceu. Sérgio passou a ser o pai de Chico. Sérgio, como a maioria dos intelectuais, era um compulsivo comprador de livros. Em casa já não tinha mais onde pô-los, mas continuava rato de Livrarias e Sebos (poucos ainda naquela época) mas as livrarias, principalmente no Rio, eram ponto de encontro da intelectualidade. Para desespero da esposa Amélia, livros continuavam chegando. Até que Sérgio fez um pacto com a cozinheira e passou a entrar pela cozinha, entregava os livros à conivente, que os acomodava nas prateleiras. Depois saía e, de mãos abanando, entrava pela porta da sala para abraçar sua Amélia.

Como Sérgio, muitos sofremos o mesmo drama.

X X X
Saudade...sombra, fantasma,

Coisa que bem não se explica:

- Algo de nós que alguém leva...

- Algo de alguém que nos fica...

X X X
Indagado, em Dubai.
Sobre a adesão do Brasil à OPEP+, Alexandre Silveira ex Ministro das Minas e Energia, argumentou que, embora causasse estranheza e

desaprovação de ecologistas, quando se defende o fim dos combustíveis fósseis, disse que realmente houveram reações negativas, mas houveram também muitas positivas. Não, ministro. O verbo haver aqui é pessoal e só se emprega na 3ª pessoa do singular, portanto HOUVE reações.

X X X
Papagaio do padre
O Louro, dado de presente ao Padre, veio de um bar onde a freguesia se reunia pra assistir ao jogo de futebol, enquanto tomava suas cervejas. O Padre, muito satisfeito, colocou o novo hóspede numa coluna junto ao púlpito. No domingo seguinte, o Padre começou o seu sermão sob os olhares atentos dos fiéis e do papagaio.

- Meus irmãos... Cristo nasceu na Terra Santa, passou por Belém, passou por Nazareth, passou pelo Jordão, passou por Jerusalém, passou por...

- Puta Merda!
O papagaio interrompeu:
- Não tem um zagueiro pra segurar esse homem?

X X X
Por amor já sofri tanto,
Que penso, nos meus cuidados,
Que o mar é feito de pranto
Dos olhos dos namorados
Canito's
Construído em Portugal um submarino que é bom até debaixo d'água.

Lembram-se da classe média emergente? Pois é. Agora ela está submergindo.

Jânio Quadros é uma prova viva de que um raio pode cair várias vezes num mesmo lugar.

Revistas masculinas proibidas para os menores de 18 exibem certas menores de 21 totalmente impróprias para os maiores de 60.

Muito bem estaria a medicina se tivesse progredindo tanto como progrediram al-

guns médicos.

Lojas que outrora colocavam anúncios: precisamos de vendedores, hoje estão pensando em anunciar: precisamos de compradores.

Uma velha dança voltou à moda. Está todo mundo hoje em dia dançando miudinho.

Não sabia pescar, mas era companheiro ideal para pescarias. Tinha muita minhoca na cabeça.

Nos melhores cemitérios deste país existem belíssimos jazigos que bem poderiam ser

imediatamente ocupados.

Uma coisa ensina a era da lata: quem planta automóvel colhe sucata.

Arrojado editor planeja lançamento inédito: uma revista de mulheres vestidas.

Quem inventou a cadeira elétrica merecia ser inforcado.

Correu o mundo inteiro e acabou morrendo atropelado em Araçoiaba da serra.

O mais engraçado é que os maus tempos de hoje serão amanhã aqueles bons tempos de ontem.

AS MÃOS BENTAS DE D. CACILDA

Pela estrada tortuosa, descida do morro
De um lado, barranco baixo, a cerca e o pasto;
Do outro, barranco alto e cafezal
Margeado por moitas de bananeiras
De onde, de vez em quando colhemos
Cachos de nanicas pintadinhas.

Lá no fundo da grota, mangas e abacates
E a casa de Dona Cacilda, a mãe!
Que do alto dos mais de 90 anos,
Ainda conforta e cura com benzeduras,
As dores daqueles que amiúde a procuram
Com torções nas juntas ou nas almas.

E não me digam que reza forte é inócua,
Pois os benzimentos da velha Cacildinha,
Devolvem movimentos aos dedos destroncados
E deixa as almas puras e levezinhas,
Pois se quem desce o morro e leva a fé
Há de encontrar conforto nas “palhinhas”.

Tudo porque um certo caminheiro disse um dia,
Quem acreditar em mim se salvará
Pois a fé que cada um cultiva e carrega,
Se pranteada com amor e devoção
Leva o sujeito a alcançar a salvação
Porque tudo passa, mas a palavra do HOMEM ficará!

L. A. Genghini

REY QUEXOTO – O DIABO DE HORA

DURVAL TAVARES

Esse negócio de acordar toda a noite, lá pelas três, era algo que incomodava demais o rapaz Rey Quexoto. Basicamente aquele horário já fazia parte de seu bioritmo, do seu relógio biológico. Ficava incomodado porque já tinha muita dificuldade para pegar no sono, parecia um calhambeque que só pega no tranco e, de preferência, numa banguela. No caso dele, além de demorar a dormir, às vezes acordava com o próprio ronco. Roncava muito e a isso atribui a vida atribulada que levava. Afinal, transportar caixotes no Ceasa da capital era serviço fora do normal. Um corre-corre que, para ser sincero, não o levava a nada. Foi durante a fase em que se tornou o Rei dos Caixotes, que decidiu pesquisar essa conversa mole (será?) de “Hora do Diabo”. Imaginava que perder o sono só poderia ser mesmo coisa do capeta. Daí saiu a pesquisar em muitos sites da internet. Vejam o que encontrou a respeito em (jovenscatolicos.com.br – https:jovenscatolicos.com.br/artigos-religiosos/). Texto aqui copiado sem cortes, sem censura:

“A hora das bruxas, ou hora do diabo, é um termo que se tornou popular em 1835 para definir a hora da noite em que se acredita que os poderes das trevas são mais fortes. Segundo a tradição, é durante a hora das bruxas que um mágico, demônio, ou bruxa está no auge de seus poderes e os seres sobrenaturais

estão mais ativos. Enquanto a origem da ideia da hora da bruxa não seja clara, Shakespeare aludiu ao conceito em sua peça Hamlet, “Agora é a hora das bruxas da noite, quando os cemitérios bocejam e o próprio inferno exala Contágio para este mundo”. Enquanto a maioria se refira para as horas entre 2 e 4 da manhã, como hora da bruxa, a “hora da noite das bruxas” era meia-noite. A literatura psicológica registra que as horas entre meia-noite e 4 da manhã sejam as horas de pico para relatos de atividade sobrenatural, com a hora entre 3 e 4 sendo a mais forte. Por uma época a Igreja Católica proibiu as mulheres de sair entre 3 e 4 da manhã. As mulheres que desrespeitavam esta regra eram vistas com desconfiança pela fundação religiosa. A crença inicial na hora do diabo sugeria que no início da manhã é quando a menor quantidade de oração estava sendo oferecida, liberando os espíritos da escuridão para fazer seu trabalho sem impedimentos pela intervenção divina. Mais recentemente, as horas entre meia-noite e 2 da manhã são consideradas a hora do diabo. Apesar da especulação comum, e muitas vezes selvagem, sobre a hora do diabo ou hora das bruxas, não há nada na Bíblia para substantiar a ideia. Quando Jesus foi preso, Ele disse à turba, “Mas esta é a hora de vocês – quando as trevas reinam”, Lucas 22:53, mas isso não tem a ver com o conceito de hora do diabo. Jesus não es-

tava falando de uma hora real do dia; Ele estava simplesmente dizendo que as forças das trevas tinham sido permitidas a prendê-Lo. Se não tivessem recebido permissão divina para agir, os líderes do templo teriam sido impotentes para prejudicar o Filho de Deus.”

Rey Quexoto sabia sim que os tentáculos do diabo, do cramulhão, estavam e estão em todo canto. São os anjos do mal. A oração e a fé no Todo Poderoso é a salvação. Era o que fazia.

Concluira, assim, que hora do diabo era quase toda a hora em que não consegue ocupar a cabeça com ideias boas, somente com asneiras, com preocupações. Em sua vida pessoal descobriu muito mais: o Diabo frequenta toda reunião de condomínio. Ele toma posse de mentes fracas, de gente de quem se deve manter distância. Basta você levantar a mão numa ocasião como essa e opinar de forma que não seja exatamente o que os demônios pensam, você será tratado como o inimigo número um do prédio onde mora, até mesmo por uma pacata senhora. Código Civil te dá base? Esqueça. Como dizia Miguel Vaccaro Netto, famoso radialista, em seu programa na Rádio América, “Não diga não”. Diga sim aos senhores feudais e não se arrependerá jamais. Será? Com muita pressa, caio fora dessa.

Por isso R.Q. preferia os caixotes poque “hai coyote in servizio, con tutta ragione”.

OS “SERESTEIROS”

ROMILDO LABIGALINI

O ano de 1988 estava findando. Evaldo Glória, mais conhecido como Baiano – apelido que lhe puseram na escola –, terminou seu trabalho como tecelão em uma malharia. Era numa sexta – feira e, como de costume, todos os finais de semana, ia tomar uns “mês” e o bar preferido era o do Zequinha Sapateiro, na Rua Direita, em frente ao Unibanco. Precisava relaxar do barulho das máquinas de tecer onde ele trabalhava. Esse “relaxamento” continuava até domingo à noite. Quando bebia ficava descontraido e chamava todas as pessoas de “Zório”, inclusive

seus amigos. Para as mulheres eram “Zória”. Ele era e é, meu grande amigo. Como a minha esposa Nilza é baixinha, ele a chama de “Zórinha”. Todos, moços como ele, gostavam de estar em sua companhia, que estava sempre alegre e extrovertido. Ele também foi um ótimo jogador de futebol do time “Garapa”, e sua equipe foi campeã em um torneio de futebol.

Numa sexta-feira, já de madrugada e de ter “enchido o caneco”, estava retornando para sua casa e encontrou seus amigos Cláudio Faraco, Placinho Bernardi e Paulo Teófilo, todos “chapados” que estavam vindo de uma “serenata” que haviam feito para uma filha do

Chico do Carmo. Não carregavam nenhum violão e também nunca cantaram. Esse trio estava indo até a casa do Sr. Lôla Guireli, pois o Ariovaldo, filho dele ia se casar no dia seguinte e eles iam fazer uma “serenata” como “despedida de solteiro”. Cantavam desafinados, e Ariovaldo levantou –se, abriu a janela e trouxe uma garrafa de vinho para os amigos “seresteiros”. Foram tomando o vinho e resolveram fazer a última “serenata” na casa do Zé Cid Gotardelo, também solteiro e começaram a cantar, esqueciam os versos e começavam outras músicas. Zé Cid levantou-se e deu-lhes uma garrafa de Whisky. Foram descendo e avistaram, na rodoviária, dois ônibus funcionando e um tanto de gente para embarcar nos coletivos. Foram até lá, cantando, e oferecendo bebida para as pessoas. Quando os passageiros estavam entrando no coletivo, eles também entraram, sentaram nos bancos e ... dormiram. O ônibus partiu, e Baiano estava sentado ao lado de uma senhora. Em dado momento ele pendeu a cabeça no ombro dela. Essa deu-lhe uma cotovelada na costela, que ao acordar assustado e perguntou a ela: “Pra onde esse ônibus tá indo?”. Ela respondeu: “Aparecida do Norte”. Ele se levantou, ainda cambaleante, chamou seus colegas e pediram ao motorista para parar, e desceram perto de Ouro Fino. Já estava amanhecendo e foram caminhando, até que apareceu uma carona e regressaram a Monte Sião. Hoje, quando Baiano e Cláudio se encontram, um chama o outro de “Sexta-Feira” e essa amizade permanece.

Em 2001, Baiano casou-se com Marisa Helena Martins e tiveram uma linda filha, Isabelle, que tem 19 anos e está estudando Enfermagem na Faculdade de Itapira.

Baiano não consome mais bebida alcoólica, e se dedica com muito amor e carinho à sua querida família.

CINEMA PRA QUEM GOSTA DE CINEMA

J. CLÁUDIO FARACO

Guerra dos Mundos

– Filme americano de 1953 – exibido no Cine Brasil de Monte Sião em 08 de maio de 1958.

Lembro-me muito bem desse domingo quando existia um grande muro branco perto do Bar do Choque e nele estava escrito com as belas letras do Cid: Não percam hoje este filme emocionante.

Esse filme, dirigido por Byron Haskin, até hoje um diretor ainda pouco conhecido, mas muito competente.

O filme é uma bela surpresa, tanto pela ideia quanto pelos efeitos especiais de alta qualidade. É

considerado um clássico da ficção científica adaptado de outro clássico: A novela de H. G. Wells!

Atualmente há um filme com mesmo nome dirigido por Spielberg, porém o do diretor Byron é muito melhor.

Sua majestade o aventureiro

– Filme de 1954, exibido no Cine Brasil em 24 de abril de 1964, espetáculo inesquecível com uma interpretação do grande Burt Lancaster. Sem dúvida um dos melhores filmes do saudoso Cine Brasil. E um fato chamou minha atenção: o diretor não é outro senão mesmo Byron Haskin.



MECÂNICA
NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico



DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE
DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

AS CASTANHEIRAS DA ESCOLA DOS FRANCOS

JOSÉ
ALAERCIO ZAMUNER

Vai longe o tempo em que a escola dos Francos tinha muitas castanheiras que subiam verdes e frondosas, e em uma época do ano, enco-briam toda entrada da chácara e frente da escolinha. Lembro-me que havia também muitas outras frutas. A escola ficava no meio de um pomar. O Bastião Pir era o cuidador, não deixava as crianças es-tragarem as frutas: laranjas, mangas, bananas, caquis, abacates, tudo compondo a área na soma com livros e professores para sustentar as fomes das crianças: de alimento e saber, plano bem estudado, calculado por Vovó Lili, que um dia doou a chá-cara para esse fim: alimentar as crianças de suas fomes na

ESCOLA DOS FRANCOS. Bom, assim foi bem pen-sado, assim seguiu esse plano da Vovó Lili. Porém, crianças são sempre crianças, e em época de castanha madura (deve-se explicar, essa casta-nha era a da qualidade pecã, que fica muito alta e ao estar pronta, madura, caía de seus cachos com o vento.) Então, as crianças lá dentro da sala de aula, castanheiras lá fora, cachos secos, prontos a qual-quer movimento, as crianças sabendo disso, professora ex-plicando os pontos da cartilha Caminho Suave: “Qual é o pé mais rápido do mundo?!” , tempo de castanha madura, e sempre vem pé de vento forte na subida dos Francos, e vinha pé de vento forte... Ah, a criança de meninos e meninas (Filhos dos: Franco, Satiro, Bressan, Ferla, Ca-

rinta, Borba (Joaquim Berti-na, Gâmbaro, Silva, Dizeró, Genciani, Camilo, do seu Zico Tropeiro...) saíam des-sembestados colher as casta-nhas, professora, Bastião Pir, serventes gritando cuidados. Voltavam com bolsos cheios. O cuidado seria para que al-guma criança, mais afoita, não atirasse paus nos cachos para derrubar mais castanhas: só se via a criança cor-re que corre, ágeis, cata que cata (essa é minha, eu vi pri-meiro!) as delícias que forra-vam o chão de alegria. Isso tudo dentro da área da escola, mas como as casta-nheiras ficavam bem na beira da estradinha que sobe pros Pimenteis, as pessoas outras, os adultos do bairro também vinham em mutirão catar as castanhas que vinham voan-do alimento pelo céu dos

Francos. Um dia, o Chã-Chã, filho do seu Zico Tropeiro, jogou um pedaço de galho seco num cacho de castanha, o ga-lho voltou e caiu na cabeça do Julião, sangrou um pouco. Não houve transtorno, princi-palmente porque o Chã-Chã era um menino especial, de juízo muito mole mesmo. O que fica com tudo isso é uma enorme alegria de crescer num lugar que foi moldado exato para suprir as fomes primeiras do homem: fome de alimento, fome de saber e fome de alegria, que as crianças cresciam sacia-das em quantidade mil, tudo pensado, formado e doado pela Vovó Lili, dona da ale-gria dos Francos, das Terras de Cantare. – Deus lhe pague, Vovó Lili!...

O FARAÓ SORRI NO VAZIO

MATHEUS ZUCATO

Narro parte dos fatos como estão na cópia que fez Hora-tio Greenough, em 2015, do Journal of a voyage to Egypt, de William Babington. O do-cumento original, datado do século XIX, friamente arqui-vado na University College London, tem cerca de tre-zentas páginas manuscritas que detalham as escavações arqueológicas no complexo de templos de Dendera, na terra dos faraós, financiadas pela própria universidade. O local data de cerca de 2250 anos antes de Jesus Cristo ter nascido. O documento origi-nal continha também folhas soltas (adendos), com temas variados que vão desde uma síntese mal-escrita do Ma-nual de Sobrevivência no Deserto Norte-africano, do nigeriano Jacob Festus Ade-niyi Ajayi, até uma página copiada à mão do Manuscrito de Voynich (misterioso do-cumento anônimo e criptogra-fado do século XV, ainda não traduzido). Mas Greenough, desconhecidas as razões por que chegou até o jornal, e maravilhado com tais desco-bertas, decide fazer a cópia de todo o “relato de viagem” ao se deparar com uma carta de teor urgente, escrita aparen-temente às pressas pelo autor do Journal.

Os avanços das ciências criptográfica, matemática, psicográfica e astrológica, nos dão hoje pistas acerca do conteúdo do Manuscrito. Mas Babington, em sua época, parece ter se deparado com um desafio tremendo e ainda maior, pelo que nos mostra Greenough em sua clandes-tina cópia do Journal. Parece Babington ter debruçado-se na tradução de um artefato egípcio sem igual nos acha-dos arqueológicos. A porção da tradução é de apenas uma dentre todas as palavras ins-critas no objeto, o que corres-ponde a menos de 1% do todo — e não devemos tomar a tradução de Greenough como a final e definitiva, embora os seus estudos sejam veros-símeis. Ainda que o idioma inscrito seja diferente do uti-lizado no Manuscrito de Voy-nich, o dado crítico para os acadêmicos e pesquisadores é o de que ambos os escritos parecem ter certa convergên-cia quanto ao tema, e sabe-se lá como se chegou à essa conclusão. Daí vem o temor da tradução de ao menos uma única palavra do Manuscrito de Voynich. Não postergo mais, utilizei de propósito a palavra “temor”, pois é o sentimento que vaga entre os acadêmicos mais céticos. Diz a cópia traduzida da carta: (...) dentre as coisas que mais me impressionam no país, estão o terrível calor durante as horas claras, e mesmo nas adjacentes; a quantidade infinita de areia ancestral e mágica; a magni-ficência do eterno Nilo, deus dos sedentos e famintos; e a grandeza das ruínas dos mi-

lenares edifícios, aos poucos escavadas e salvas da move-diça impiedade do tempo. A parceria entre o povo euro-peu e os orientais do Egito é, realmente, uma dádiva. Ne-nhum desses itens incriveis, no entanto, suplanta o mais terrível episódio que já me ocorreu. Escrevo um relato semi-testamentário para que os novos doutores não come-tam o nosso erro. Escrevo em auxílio dos incautos. Escre-vo para que eu mesmo possa lembrar ter sentido, mesmo de raspão, o infinito. Só o mais desavisado ou niilista dos homens, a partir desta carta, a ser divulgada publi-camente, empreenderia busca pela ideia eterna, impensá-vel, mas monstruosamente possível.

Qual foi minha sorte: um vislumbre. Encarar o infinito é tarefa de frequência única; é como nascer, ver uma cor nova, ou se deliciar no amor, ou sofrer de uma dor; é como encontrar a morte. Morrer é complicado. Lembra de nos-sas conversas na França? Você formulou: morreremos muitas vezes até atingirmos a potência desmedida do nú-mero zero. Não há terror pior no universo do que uma anu-lação. A “zerificação”, como concebeu Al-Khwarizmi por volta do ano 820 da nossa Era. Indicou-me observar os animais, e como em sua abs-tração experimentam na vida somente o momento presente. Não há passado para se la-mentar, não há futuro para que ansiar. Os animais vivem infinitesimais infinitos duran-te a imobilidade do tempo inexistente. Aprende-se mui-to ao se observar a rumina-ção cíclica de um camelo, Maria. Percebe-se que o ba-ter das asas de um beija-flor seja mais estático que o infi-nito. O terrível número zero não necessita de batalhão de artilharia. Reina autôno-mo numa imensidão circular. Está nele uma vastidão vazia, mas completa por si só. Um animal só em verdade morre quando tem sua espécie ex-tinta, e atinge o bizarro não-número vago. Pois os bichos espelham-se na insólita pro-criação. Um cão é, portan-to, todos os cães. Um tigre é todos os tigres. Uma verdade são todas as verdades. Um vazio está saturado de infinitos outros. “A inexistência é um infinito manifesto”, disse alguma vez o nórdico Loseb Sigori Gjür.

Maria, nossa expedição chegou ao limite, nossa bravura se esgotou. A Academia prometeu novos aportes me-diante novos progressos. A tradução de toda a inscrição esculpida no shabti (estatue-ta funerária) sepultado sem pompas junto ao faraó User-kare da VI dinastia egípcia, parece impossível. As pare-des dizem que foi morto em 2330 a.C. Nosso progresso é lento e perigoso. O túmulo estava ainda lacrado, sem sinais de violação. Todo o te-souro do faraó está conosco,

escondido dos egípcios. Mas há um detalhe terrível que nos assombra.

Explico o horror que pas-samos no Templo de Dender: depois de meses de trabalho de escavação e exploração das ruínas, encontramos o lo-cal de sepultamento de User-kare. Imediatamente notamos tudo no lugar, e o corpo em aparente bom estado de con-servação, protegido sob os li-nhos, um fraco casco externo, de madeira. O shabti jazia ainda sobre o peito do faraó, e chamaram nossa atenção os escritos imputados nele, estranhos a todos nós; não se assemelham aos hieróglifos do restante do Templo. Em realidade, não se asseme-lham a nenhum outro texto da história do Egito. Nem mes-mo a pedra Rosetta pode nos ajudar.

Começamos imediatamen-te o trabalho de tradução, e usamos de todos os recursos técnicos de nossa época. Na medida em que novidades não chegavam aos nossos financiadores, acreditaram estarmos ociosos no turismo. Mandaram que voltássemos, mas explicamos a situação. É humilhante, na nossa épo-ca, não conseguir explicar as coisas com a razão, e es-távamos — estamos, ainda — todos um tanto perturbados. Alguns símbolos se repetem no totem, e por intervenção de conjecturas simbólicas, filológicas, antropológicas e históricas, percebemos por minúcias ligadas ao símbolo da vida — a universal “cruz Ankh” — que havíamos des-coberto, enfim, o significado da primeira marca do bone-co.

Se tratava do curioso sím-bolo que expressa a ideia de um “ser-não-ser”. A tradu-ção mais próxima que encon-tramos foi a da palavra do antigo hebraico, קִישׁ (a’afes), que no contexto do totem pa-recia indicar a redução de um ser ao nulo valor, a um não-ser. O professor Friedrich imediatamente vinculou o ca-ractere com a representação do antigo deus Ēin Sōph, de קִישׁ, encontrada nas tabui-nhas de argila daquela região próxima à antiga Babilônia. Achamos tudo muito estra-nho, não era compreensível qualquer relação histórica entre os fatos. Ēin Sōph era o deus da eternidade, do in-compreensível infinito gran-dioso, do tempo bumerangue, enquanto o termo esculpido no bonequinho dizia respeito a um Faraó egípcio. Cogitou-se que o Faraó idolatrasse o deus de Qyś.

Quando estávamos prontos para encerrar as ativi-dades do penúltimo dia de trabalho, num acidente es-tranhamente proposital, o professor Friedrich, ao con-sultar com um de seus auxi-liares, mencionou novamente o nome Ēin Sōph, enquanto eu balbuciava repetidamente a palavra hebraica a’afres, e então o corpo mumificado de Userkare simplesmente

desapareceu perante nossos olhos. Os egípcios fugiram no mesmo instante, aos gritos de “maldição!” Um de nossos auxiliares desmatou, enquan-to o outro tocou com um caja-do o local onde estivera o Fa-raó, e desta forma perdeu de forma instantânea o cajado, a mão e parte do braço. Não se tratou de amputação, es-magamento ou coisa do tipo, mas o seu braço, num piscar de olhos, não estava mais com ele. Um fecho enrugado selava o limite do braço de nosso amigo, de um momen-to para o outro. Mais pelo susto que pela dor gritava o auxiliar. Fechamos a tumba e corremos para o médico mais próximo. No caminho, notamos que, em lágrimas, se acalmou, e perguntamos o que havia experimentado no momento de terror. Ele, com a limitação de vocabulário que possui, respondeu ter lhe parecido vislumbrar diante de si tudo o que já existira ou existiria. Se referia à Histó-ria, à Evolução, à Criação. Disse ter visto o nome de Abi-melec se encontrar três vezes com a linhagem divina de Cristo. Viu Hattaá assassinar Tsadik, e Caim matar Abel. Viu os homens perderem a compreensão em Babel. Viu Melquisedec escrever sobre Chasar Mazal. Viu Sodo-ma e Gomorra perecerem. Viu Hamurabi chorar diante da Lei. Viu Dédalo dançar no Labirinto de Creta. Viu a Biblioteca de Alexandria queimar. Viu Userkare sorrir quando soube que morreria. Viu Roma respirar e expirar. Viu o mundo sob os véus da fé. Viu a peste bubônica ma-tar reis e mendigos. Viu os Co-lombo esbravejar contra os mares. Viu impérios ruírem e repúblicas brotarem. Viu os fogos de artifício das Guer-ras. Viu o mundo através dos olhos de um argentino cego. Viu um homem escrever so-bre Greenough e Babington. Olhou pela primeira vez a face etérea de Deus e notou Dele cobrir as feições uma mandala. E aí percebeu a imi-nente anulação de sua exis-tência material. O auxiliar notou perder parte do braço direito, sem dor, mas que era como se tivesse nascido sem aquela porção.

Veja, Maria, nossa expe-dição chega ao fim, mesmo com a insistência de novos aportes financeiros diante da mensagem de termos desven-dado o primeiro signo do to-tem sepultado com o Faraó. Envio esta carta para que você alerte toda a população acadêmica: abandonem para sempre — sinto calafrios cada vez que utilizo essas pa-lavras — a tumba de Userka-re, no Complexo de Dendera. Temo a vinda de outros pes-quisadores para este lugar mediante os boatos que já se espalham sobre as descober-tas em Dendera. Em verdade, muitos de nós enfrontarão o vazio de um modo ou de ou-tro.

Cairo, 1865.

NATAL

uma caneca
de chocolate
uma taça
de champanhe
uma árvore
de Natal
e um cachecol
de lã
com pompons
vermelhos!

Deus
como me faz falta
um jantar à luz de velas!

KUAIA



Feliz Natal!!!

65 ANOS DO “MONTE SIÃO”

Nosso jornal está festejando idade
Sessenta e cinco anos completou
É um patrimônio de nossa cidade
Desde quando o número 1 circoulou

Parecia uma irreabilidade
Que ele seguiria em frente
Pois não foi fácil a sua publicidade
Num mundo tão indiferente

Mas os seus fundadores
Homens de pulsos fortes
Junto com seus colaboradores
Que sempre lhe deram suporte

E os anos foram passando
Como a mostrar sua trajetória
E a cada número publicando
Ficando registrado na história

E a nossa cidade honrada
Com sua bonita publicação
No cenário foi marcada
Mensalmente em cada edição

Muitos daqui já partiram
Rumando à eternidade
E por lá certo se uniram
Numa reunião de saudade

Seus feitos aqui deixaram
Em suas páginas registrados
Quando suas crônicas assinaram
Relatando os bons tempos passados

E hoje o Monte Sião
Festejando nova idade
É o orgulho do nosso torrão
E a ele parabéns e continuidade

Arlindo Bellini

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA

PNEUS

**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**

**RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO)**

3465-5463

“O MEU ADEUS AO LENDÁRIO ZÉ LUIZINHO”

MARCELO R. LABIGALINI

Na minha época da faculdade de Agronomia, já era de lei, aos finais de semana, que estivéssemos em Monte Sião, eu e o Gustavo Mendonça Pareira (Filho do Karuba e da saudosa Sueli) que fazia veterinária, irmos ajudar seu avô Zé Luizinho, em alguma empreitada, na lida com o gado.

Certa vez, (já pensando no desfile de cavaleiros para Missa Campal do dia de São Sebastião, 20 de janeiro) pegamos uma empreita violenta com o homem: era uma grande pastagem que ele arrenda-

va no Bairro Furrier, onde tinha mais cupins do que pastagem, o curral era de arame farpado e nós chegamos por lá já de madrugada, pra pegar o gado sonolento!

Eu fui em 2 cavalos e o Gustavo levou seu avô, e o Zezinho leiteiro em um fuscão, sem os bancos da frente (pra facilitar o manejo com os baldes de leite) Enquanto entramos no pasto, o Zé Luizinho e o Zezinho, foram fazendo um trato no cocho, napiê picado com farelo de trigo, para recepcionar os animais que seriam manejados.

Fizemos o rodeio na boiada, e logo já estavam todos a caminho do curral,

o Gustavo de ponteiro e eu na culatra estralando a pinhola, me sentindo o rei do gado!

Caminhamos uns 40 minutos com a boiada, e aos poucos foram entrando no curral, logo que acharam o trato eles foram se aqueitando, e o Sr. Zé Luizinho já começava a engenhar o trabalho do dia. Caminhando por entre as reses, ele tinha olho clínico para o serviço.

Ele era muito forte, usava um chapéu de Carandá, tinha uma habilidade imensa no laço, e um jeito muito peculiar de chamar seu neto, de fio (filho), com uma voz bem mansa e fina.

“ *Fíio ... eu vou laçar*

esse araquá vermeio, e ocê derruba ele pra mim, esse aí tem que curar a capaçaõ !!!”

E assim se transcorreu o dia, uma laçada atrás da outra, trazendo os animais no palanque, curando, vacinando e até fazendo algum procedimento com anestesia e suturas. Deu tudo certo Graças a Deus, fora algumas bolhas de sangue na mão e as costelas raladas em virtude de alguma chifrada ou coice de raspão!

Antes de voltarmos a Monte Sião, parávamos na venda do Mirto, e era a hora de fazer o pedido ao chefe, pois ele tinha um cavalo castanho, mestre na charrete o qual usava pra

entregar leite na cidade, e nós calçamos a cara e pedimos emprestado, pra colocar no carroção do Ivan do Bernardino, pois levaríamos a imagem de São Sebastião na procissão do dia 20 de janeiro.

Com um certo desconfiamento ele nos ajudou, emprestou o cavalo e também toda a traia, minha irmã Mônica decorou o andar e no dia combinado, fizemos a procissão pela cidade, rumo a missa campal, no pavilhão, onde se faz o rodeio, e a nossa carroça ficou linda demais com o cavalo castanho.

O padre Simão, lá de Andradas que organizou tudo, reuniu centenas de

cavaleiros, e foi tudo muito lindo, pena que hoje em dia ninguém mais valoriza essas coisas.

Essa é uma das muitas passagens com este eterno boiadeiro, o lendário Zé Luizinho ... que hoje descansa em paz! Vamos deixar, em homenagem ao Zé Luizinho um trecho da música “Boiadeiro Noturno” de Gideão da Viola de Barretos:

“*No meu rebanho não tem boi, não tem boiada São fantasias da minha imaginação Vou a galope neste sonho vida afora Corto de esporas meu cavalo solidão!*”

SETE PERGUNTAS CONCEDIDAS, SETE RESPOSTAS GARANTIDAS

DANILO ZUCATO ROBERT

[Selo da Ordem de Ísis] Jerusalém. Terceiro ano do império de Teodósio I.

Caros Irmãos e Irmãs da Ordem de Ísis,

Espero que esta carta encontre a todos com saúde e inspiração divina. Com grande alegria, venho compartilhar notícias auspiciosas provenientes de nossas recentes práticas no campo da necromancia.

Ao conduzirmos os rituais sagrados na caverna de Te’omin, buscando respostas vindas do além, fomos agraciados com êxito em nossos esforços. As portas entre os mundos se abriram, mas a sabedoria ancestral respondeu a nossos questionamentos com obscuridade e enigmas. Através da breve conexão entre os planos da vida e da morte, a voz de um de nossos antepassados, de nome Ish ben Ké-sem, se fez ouvir, concedendo-nos conhecimento a ser assi-

milado e compreendido sobre os mistérios ocultos da existência.

Nossas preces foram ouvidas por Ísis. Porém, as revelações recebidas demonstram que apesar de nossos esforços na busca da verdade terem sido abençoados, ainda há muito que descobrirmos quanto aos mistérios da vida e das forças que governam os planos superiores. A conexão estabelecida com o reino além do visível nos inspira a continuar com dedicação e reverência em nosso trabalho prático e espiritual.

Diante dessa experiência enriquecedora, é de extrema importância que mantenhamos a discrição e a reverência em relação a essas práticas. Lembremos que a arte da necromancia é uma arte sagrada,mas proibida pela religião dominante, e que sua prática deve ser realizada com profundo respeito, sigilo e em consonância com os princípios da Ordem de Ísis.

A seguir, transcrevo o breve diálogo que eu nosso irmão (cujo nome mantenho oculto a fim de sua segurança) tivemos com Ish Ben Ké-sem, o espírito cuja providência de Ísis nos trouxe a fim de seguirmos nos passos do entendimento:

[eu] *Ó divina e poderosa Mãe Ísis, por meio deste sacrifício que oferecemos em seu nome, dê-nos a possibilidade do contato entre os dois mundos. Faça com que o véu da vida e da morte caia, usando este*

corpo que trouxemos como invólucro para a descida de uma alma que habita o lado oculto...

[nosso irmão] *O cadáver se mexeu.*

[eu] *Aguardemos, já tentamos tantas ve...*

[o cadáver, numa voz quase inaudível] *O que é isso...Algo...temporal... sinto...memórias...*

[eu] *Irmão vindo do outro lado do véu, não te desejamos mal. Somos dois buscadores da verdade procurando entender mais sobre os segredos da existência.*

[nosso irmão] *Após muitas tentativas e muita clemência à grande Mãe Ísis, conseguimos nos comunicar...*

[o cadáver] *Ísis...Verdade...Segredos...Existência...Vocês...invocação...contato...entendo.*

[eu] *Qual o seu nome, irmão?*

[o cadáver] *Antes, Ish ben Ké-sem.*

[nosso irmão] *Irmão ben Ké-sem, responda-nos o que iremos te perguntar, em nome de Ísis.*

[ben Ké-sem] *Ísis...Ísis...não.*

[eu] *Responda-nos! Ou senão...*

[ben Ké-sem] *Ameaças...um...cadáver? Sabedoria, mortais.*

[nosso irmão] *Por favor, dê-nos algumas respostas, é tudo o que desejamos de você.*

[ben Ké-sem, após breve silêncio] *Sete perguntas concedidas, sete respostas garantidas.*

[eu, num súbito] *Aceitamos! Quando nós dois vamos morrer?*

[ben Ké-sem] *Ish ben Ké-sem não foi oráculo em*

vida. Poucas almas o foram.

[nosso irmão] *Estúpida pergunta! Por favor, não leve em conta...*

[ben Ké-sem] *Restam seis.*

[nosso irmão, após breve reflexão] *O que há depois da vida neste plano?*

[ben Ké-sem] *Tudo...e nada.*

[eu] *Que resposta é essa? Isso não nos ajuda em nada!*

[ben Ké-sem] *Restam cinco.*

[eu] *Certo...Certo...A próxima pergunta: qual religião é a verdadeira dentre as existentes?*

[ben Ké-sem] *Todas...e nenhuma.*

[nosso irmão] *Pelas providências de Ísis! Isso não está sendo proveitoso!*

[ben Ké-sem] *Restam quatro.*

[nosso irmão] *Qual o sentido da existência humana?*

[ben Ké-sem] *Todos o têm, raros o buscam, poucos o encontram, muitos o desprezam.*

[nosso irmão] *Todas as respostas são enigmáticas, isso não nos ajuda! Senhor Ish ben Ké-sem, por favor queira ser mais claro.*

[ben Ké-sem] *Restam três.*

[eu] *Como fazer para compreender tudo?*

[ben Ké-sem] *Esquecer tudo.*

[eu] *Isso é ridículo, você está praticamente falando o oposto do que perguntamos!*

[ben Ké-sem] *Restam duas.*

[eu] *Qual o verdadeiro nome de Deus?*

[ben Ké-sem] *Nem todo grão de areia compreende*

e conhece o deserto que o engloba.

[eu] *Seja mais direto, por favor!*

[ben Ké-sem] *Sete perguntas concedidas, sete respostas garantidas.*

[eu e nosso irmão] *... [ben Ké-sem] Resta uma.*

[nosso irmão] *A quem devemos recorrer para descobrir os segredos do universo?*

[ben Ké-sem] *A árvore é a semente, e não o fruto. Apenas véus os cegam.*

[eu] *Espere, sobre esta última pergunta...*

Após minha fala, o cadáver em nossa frente deu como que um pulo, como se algo o puxasse ligeiramente para cima, e logo em seguida ele voltasse ao chão, e nada mais se ouvira de Ish ben Ké-sem.

Que a luz de Ísis continue a nos guiar em nossa jornada espiritual, e que a sabedoria das esferas superiores permaneça como farol em nossa busca pelo conhecimento e pela verdade. Deixo-vos com estas perguntas e respostas a serem decifradas, a fim de que removamos os véus do universo, conforme nos ensinou o senhor ben Ké-sem.

Com votos de gratidão e humildade, compartilho essa narrativa com cada um de vocês, e que nossa Ordem permaneça unida na jornada rumo à elevação espiritual e à busca da Verdade.

Com sincera devoção,

[Membro da Ordem de Ísis].



JAIME GOTTARDELLO

O menino e a menina com os pés descalços e acompanhados pelo cão que carregava algumas pulgas e carrapatos passavam as tardes do ensolarado dezembro vendo figuras de Papai Noel em revistas antigas da banca de jornal na esquina da praça, e sonhavam com os lugares onde a neve cobria de branco os pinheiros, carvalhos, faias e abetos. Eram terras longínquas onde crianças faziam bonecos de neve e se diver-

tiam em trenós deslizando pela montanha gelada. E pensavam que, talvez, se tivesse neve em seu pedaço de chão, o frio acabaria com as pulgas do cão. Mas eles se sentiam gratos por terem o sol que beijava a terra todos os dias.

Eles imaginavam um Natal branco, como viam nas revistas e em filmes na tv, com flocos de neve caindo suavemente do céu e cobrindo tudo ao redor. E ainda havia o Papai Noel gordo, vestido de vermelho e com um trenó puxado por renas má-

gicas! Mas a realidade para aquelas crianças era o Natal verde da grama onde pisavam e o amarelo do Sol lá em cima. Se em seus sonhos os jardins se transformavam em paisagens mágicas, com pinheiros enfeitados e luzes coloridas piscando e as casas adornadas com guirlandas e famílias reunidas ao redor da lareira, eles também iriam transformar seu Natal tropical em algo mágico.

No quintal de casa enfeitaram os galhos da jabuticabeira com bolas

coloridas. O espantalho da roça do vizinho ganhou um novo chapéu e um cachecol ao redor do pescoço. Era o seu boneco de neve tropical. E o cão fantasiado de rena puxava a carrocinha de madeira com coloridas caixas de sapatos vazias dentro de um saco de pano vermelho.

Embora a presença de neve fosse apenas um sonho distante, o Natal ensolarado tinha seus próprios encantamentos. As famílias se reuniam para celebrar, trocar presentes,

compartilhar refeições especiais e criar memórias inesquecíveis. Mesmo sem a neve, o espírito de união e alegria do Natal não eram menores.

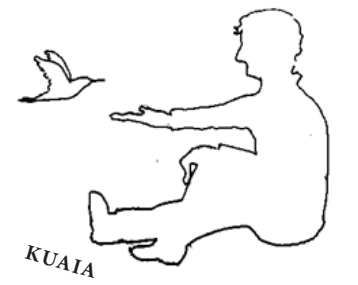
Assim seguiam aproveitando o sol quente de dezembro, mergulhando os pés descalços na água do rio e construindo suas próprias brincadeiras. Sabiam que teriam muitos outros Natais tropicais, mas também sabiam que os sonhos são a força que impulsiona a vida. E, quem sabe, um dia o destino os levaria a um lugar

onde poderiam experimentar o Natal dos seus sonhos.

E até aquele dia chegar, eles aproveitariam cada tarde ensolarada de dezembro, construindo memórias e acompanhando a magia do Natal com seus sonhos de crianças, na certeza de que a criança que renasce e é celebrada na mesma data a cada ano não se importa se há neve ou não.

Boas Festas, Feliz 2024.

JOSÉ CARLOS GROSSI



Naquela vez que conto a história, estava de ser pequeno e o pai, graciosamente, colhia alfaces, rúculas e chicórias. Sem-

pre repetindo que no rú tem acento porque é proparoxítona. Sanhaço com cedilha e assim o tempo parava até a hora do almoço. À noite costumava ficar sozinho no balanço da goiabeira, tão esgotada de vida que só dava goiaba vencida, mas que eu tanto gostava porque nela havia uma esplêndida paisagem de estrelas. Hoje sei que me principiava, sem muito querer, a ser poeta, pois naquela

vez as coisas para mim já guardavam muitíssimos segredos e as palavras se tornavam mágicas. Pois ajuntando algumas letras formava ameixeira. Outras ajuntadas, roseiras, das rosas que as irmãs tanto gostavam. Assim, enquanto o pai semeava verduras, a mãe regava bromélias. E eu, que até hoje reverencio minha amizade com as lesmas, aprendia a semear letras e colher palavras. Acho até que naque-

la vez eu era um menino bobo, fazendo reflexões com grilos e ouvindo atentamente aos agouros das corujas. Cresci, portanto, também de sem muito querer, dividido entre ciência e magia. Pois que então continuei tão bobo quanto fora um dia. Mas falando de um dia, um dia morreram o pai e a mãe. E morreu o quintal. Depois as duas irmãs que adoravam flores e os irmãos que sonhavam

peixes. Desapareceram as fadas, os gnomos, os cavalos alados, os dragões e os sacis. As papoulas sumiram e os marimbondos que furavam goiabas. Avoou o canário da varanda, o pintassilgo do pessegueiro e nunca mais vi aqueles pequeninos arco-íris que se formavam à tarde, na boca do regador de lata que regava tomates. Mesmo assim, hoje também tão esgotado de vida, ainda faço as poe-

sias da casa, do jardim, da gata amarela, do inconveniente papagaio tagarela e do violão do pai. Portanto, tudo que escrevo são dessas lembranças que me assombram e enfeitiçam, dia após dia, num redemoinho sem fim. Porque minha casa, sempre digo, não era apenas uma casa, nem o quintal apenas um quintal, nem era apenas um jardim.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

É OCO POR DENTRO

PASCOAL ANDRETA

O sol do meio-dia reclamava a companhia de uma cerveja geladinha. A sombra que a fachada da Kumbuca despejava na calçada era bem mais aconchegante que o interior da lanchonete. Aí fora, pelo menos, havia uma leve corrente de ar. Fraca, muito fraca, mas perfeitamente perceptível. O Acácio da Sônia, o Linde da Dorli, o cabo Lázaro da Verônica, o

Ugo da Aída, o Pascoal da Maria, o Zé irmão do Acácio, entrincheirados nos cascos escuros das garrafas de cerveja e nos copos de colarinhos espumantes, abrigados pela sombra do prédio e aca-riçados pelo vento, desenrolavam falação sobre o Morro Pelado e sua caverna misteriosa. O Ugo e o cabo Lázaro preferiram um vinho rosê, porque o gelo da cerveja iria azarar-lhes a garganta. Só o Linde não bebia. Às vezes, quando estou

sozinho, deitado na rede do alpendre, invejando o vôo solitário de um urubu, fico pensando como é que pode um indivíduo são da moleira ver os outros beberem e ficar só na “braveja”. Como é que as lombrigas não se alvorçam, não protestam, não fazem greve, não declaram guerra? O Linde não bebia, mas era o que mais falava: – Da primeira à segunda grota, viramos o Morro pelo avesso, pois era

tudo gente decidida: eu, o Zé Aírton, o Cláudio, o Carlito. A corda amarrada num toco, lá na crista do Pelado, e nós descendo, descendo, descendo. Chegamos até a metade do Morro. Credo! Ave Maria! São Cristóvão! Topamos com um paredão que se perdia de vista. Um fio de prumo! A curiosidade do Acácio mordeu-lhe a língua. Queria uma comparação para avaliar a altura do despropósito: – Da altura da torre da

igreja? – A torre era finchinha perto do que encontramos. O paredão, perdido de samambaia uçu, tinha no mínimo uns trezentos metros de cima embaixo. Uma tremura de maleita atacou-nos as pernas. Não sei se pela altura ou se por arte de algum malefício existente por ali. Cê tá besta? Subimos pela corda feito foguetes! – E não viram nada além do paredão? – perguntou o Ugo, tirando um

gole reforçado do rosê. – Não. Só que quando, desesperados, subimos a serra, os pés, batendo de encontro ao solo, tiravam um som cavernoso da encosta como se estivéssemos batendo num bumbo... E afirmou com uma cara de sinceridade maciça, convicto do que afirmava: – Pois olhem: o Morro Pelado, todinho, inteirinho, de cabo a rabo, é oco por dentro!

NOVOS HORIZONTES

Casa, casamento, trabalho e Dinheiro para gastar. E daí? Acumulei vazio para esconder, Tédio para disfarçar e Falsa rotina alegre Para exhibir.

Isso não pode ser. quero arriscar mais, amar com paixão, morrer de tesão. chorar de emoção, desafiar o destino, buscar o infinito.

YOSHIHARU ENDO

UM GLOSSÁRIO PRA MINEIRO VIAJAR

VALDO RESENDE

Nas poucas vezes que estive fora do país chegava um determinado momento em que me dava um faniquito doido! A única coisa que sentia era a vontade de pegar mala e cuia e voltar ligeiro pra casa. É claro que chegar em um aeroporto de São Paulo já dava um certo alívio, aqueles sons múltiplos da diversidade paulistana. A questão é que quando se fala em “casa”, “a minha casa”, a gente está querendo é a infância, pai, mãe, os irmãos e, no meu caso, a casa é lá em Uberaba, Minas Gerais. Imagina ganhar um presente que te leva de volta para essa casa! De quando você é criança e vai crescendo, ouvindo e gravando na memória a voz de seus pais, seus irmãos, os parentes todos, os vizinhos e as palavras que eles usavam. Você abre o presente, um livro, e o que você lê e a memória te traz é o som da voz da sua mãe que criou eufemismos pra saber se você limpou o butico direito, ou as risadas do seu pai, quando sua mãe ameaçava te dar uma surra: chama nas tabinhas, bobo! E foi assim, lendo e lembrando que fiz uma viagem ao mais profundo daquilo que nos traduz para a história: a nossa língua. A mágica do livro, o “Glossário Monte-Sionês da Língua Portuguesa”, é imensa! A gente lê um ver-

bete e se lembra de muitos outros. Só para clarear, bu-tico e tabinhas é coisa dos meus pais, lá em Uberaba. Já o glossário é claro e específico da comunidade de Monte Sião, no sul de Minas. O livro recebi de presente do amigo Luiz Antônio Genghini. Um baita trabalho com mineirices reunidas por Ivan Mariano Silva. Do autor também recebi e estou lendo “Crônicas da minha gente”. Ivan, que é como o escritor assina seus textos no jornal, elaborou o “Glossário Monte-Sionês da Língua Portuguesa” com a familiaridade de quem vive na e com a comunidade, enriquecida por inúmeros descendentes de italiano que nos legaram palavras deliciosas como carcamano, maledeto, impiasto! Tudo muito bom de dizer, de usar. Essas expressões oriundas do italiano não conheci na infância. Meu pessoal, lá em Uberaba, tinha proximidade com portugueses, árabes, alguns espanhóis e poucos italianos. O trabalho localizado do Ivan nos dá a importância da pesquisa do autor e, simultaneamente, nos abre coração e memória para as possíveis expressões de cada uma das diversas regiões das Gerais. A viagem linguística do Glossário é imensa. Tanto nos remete à infância, quando batíamos bafo ou quando nossa mãe nos advertia: “Lave direito esse pé, moleque, tá cheio de

macuco!”, quanto nos faz lembrar momentos muito específicos, já na adolescência, quando a necessidade nos fez chapear a mão na cara do asfalto. E assim vai; leio as expressões e percebo palavras que já não uso, outras que me lembram pessoas, momentos, lugares. Não é um simples glossário, é um baú de falas, da nossa fala. A língua, que é culta, só se enriquece quando um sabereta se põe a usá-la. Todo aquele que escreve tem amor pela palavra. Não basta saber escrevê-la, seu significado, os diferentes contextos em que podemos usá-la. Há que se pensar também na composição textual, no local preciso onde iremos colocá-la no parágrafo e, assim, atingirmos o efeito desejado. Dicionários são fontes inesgotáveis de relações, pois lemos uma palavra e nos vem à mente as diversas possibilidades de seu significado. Um trabalho que busca especificações de um determinado grupo social enriquece a língua, caso do Glossário Monte-Sionês, leva-nos imediatamente ao nosso grupo, ficando difícil não ocorrer envolvimento emocional. Deus me permitiu andar por aí e conhecer gente de cá e de lá, de cima e de baixo, do meio, dos cafundós e outros, mais de perto. Uma vez funcionário de aeroporto me deliciava com os sons do mundo. Não só identificar o que estava sendo comu-

nicado, mas reconhecer a melodia do som de cada língua, dos gestos do falante. Morando e andando por toda a grande São Paulo aprendi a identificar so-taques de todas as regiões do nosso país. Aquelas peculiaridades que diferenciam pernambucanos, cearenses, paranaenses, goianos, baianos, capixabas... e toda essa imensa variedade da nossa fala, tanto em som quanto em significado, nos dá a exata dimensão da riqueza da nossa língua. O presente de Genghini (Obrigado!) e o trabalho do Ivan (Obrigado!) me permitiu recuperar, recordar, reviver faces da minha origem. Somos mineiros, e porque amamos Minas sabemos a diferença do sertanejo com o caipira, dos sujeitos todos das demais regiões não porque exigimos identidade ou outro documento qualquer. A gente começa por um “Tá bão?”, continuamos com um “d’onde que ocê é”, e após um “Cê é fio de quem?” já nos sentimos em casa. E se o sujeito tiver dificuldade em nos entender, tai o Glossário Monte-Sionês! Um ótimo começo para trilhar as imensas veredas do linguajar mineiro.

Nota: Glossário Monte-Sionês da Língua Portuguesa, reunido por Ivan Mariano Silva, com ilustrações de José Carlos Grossi. A capa é de Felipe C.P. Grossi. Monte Sião: Acervo Edições, 2010.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Céto

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTB 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Aláércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesião@fundacaopascoalandreta.com.br

CASA DAS MASSAS

Pães e Massas Especiais

Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170

Fone 3465-1368

Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulação Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Janeiro de 2024

Dia 01

Anselma Gaioto Benatti

Ricardo Fernandes Freire

Dia 02

Willian Augusto de Paiva

Dia 03

Iolanda da Fonseca Silvério

Raimundo Esteves da Silva

Vera Ap. Labegalini Denez,

Dia 04

Renata Zucato

Valéria Elena Canela Alice da Silva

Diego Felipe Souza Dias

Dia 05

Tatiani Campos Freire

Vinícius Monteiro Rizzato

Dia 06

João Gabriel G. Silva

Horácio Glória Canela

Débora M. Comparim Zucato

Maria José da Costa

Dia 07

Maria Dione Viviane

Fernanda F. Fazoli Gotardelo

Dia 08

Samantha Zamuner de Souza,

Neuza de Lima Amábile Barbosa Ferraz

Flávio Anselmo Scachetti

Débora Valdissera dos Santos

Inês Shibuta

Dia 09

Flávia Coutinho

Israel Pereira Barbosa

Evandro Takahashi

Eurema Labegalini

Tiago Henrique Artuso

Dia 10

Celina Dorta Machado

Sofia Borges Galbiati

Eduardo Vicente Gaspardi

Érica Borges de Queirós

Dia 11

Wellington Vieira Macedo Jr.

Pedro Henrique Z. Righetto

Dia 12

Antonio Roberto C. Genghini

Oralina B. do Nascimento

Dia 13

Luís Henrique Bossi B. Veloso

Waldemar de Castro Jr.,

Luciana Silvério da Fonseca

Luiza Lázari Bueno

Dia 14

Eduardo Kenji Izumi

Dia 15

Larissa Zucato Lopes

Vanessa Durante

Dia 16

Dr. Antonio Marcello da Silva,

Dia 17

Flávio Leme

Marcelo Zucato

Hiroshi Takahashi

Dulcelene Pioli

Dia 19

Bruna Vilela Bueno

Fábio Labegalini Zucato,

Vilma Helena da Silva.

Paulo Roberto Labegalini,

Henrique Monteiro

Mário Sebastião Labegalini

Lúcio B. Labegalini

Nelson Labegalini

Dia 20

Rafisa Aparecida

Ferreira de Godoi

Sebastião Romeu de Souza

Euclides Sebastião Denez

Dia 21

Nayara Barbosa

Pedro Antonio G. Silva

Miriam Nozomi Izumi

Larissa Ribeiro Labegalini

Inês Pires Fonseca

Dia 22

Mariana Zucato

Laís Magioli

Rodrigues

Dia 23

Bianca Folgosa Macedo

Dênis Odinino

Ana Carolini Fabri

Dia 24

Robson Comune Faria

José Reinaldo Macedo

Daniela Righette

Walter Gotardelo

Isabel Silvério Barbosa

Dia 25

Murilo Jiharu Izumi

Dia 26

Celso Grossi

Talita Valdissera dos Santos

Cecília Comparim

Juliana Genghini

Dia 27

Plácido Bernardi Neto

Maria Antonieta D. Firmino

Cibeli Armelím

Otávio Monteiro

Odinino

Dia 28

Antonio Carlos Ferraz

Dia 29

Luciana Ap. Freire Canela

Dia 31

Maria Emília R. Zucato

Sandro Penachi

Moreira.

A todos, as felicitações da Redação!

FUSKEIROS! ENCONTRO EM MONTE SIÃO

Durante o Festival de Verão de Monte Sião, a realizar-se entre os dias 18 a 21 de janeiro de 2024, haverá, também, a FUSCA FEST/2024, que pretende, mais uma vez, reunir e expor os Fuscas, Kombis e outros modelos de colecionadores e fãs dos icônicos carrinhos. Estendemos o convite ao leitor! Vamos ver!

INAUGURAÇÃO DO ACERVO LITERÁRIO ESPAÇO IVAN MARIANO SILVA

Em sessão solene da Câmara de Monte Sião, em 8 de dezembro de 2023, foi inaugurado e colocado à disposição do público o ACERVO LITERÁRIO “ESPAÇO IVAN MARIANO SILVA” que consolida os autores e escritores de Monte Sião com a respectiva exibição das obras que estão disponíveis para consultas na Câmara Municipal, para professores, pesquisadores estudantes e o público em geral. O histórico dos autores e a indicação de suas obras está disponível no manual CATALOGO DE PUBLICAÇÕES DE AUTORES E ESCRITORES DE MONTE SIÃO, cuja pesquisa foi conduzida por L. A. Genghini, colaborador deste mensário. Parabéns a todos os envolvidos!

I CONCURSO “IVAN MARIANO SILVA” DE CONTOS — RESULTADO.

No dia 28/11 foi divulgada, no site da Fundação Cultural Pascoal

Andreta, a classificação final do / Concurso “Ivan Mariano Silva” de Contos organizado pela própria, e que foi verdadeiro sucesso! Foram recebidos 436 contos de brasileiros residentes em todos os estados do Brasil, (incluindo o Distrito Federal), e também de Portugal e do Japão. O concurso classificou dez finalistas, sendo três deles os vencedores, conforme as notas obtidas nos trabalhos. Os vencedores foram, em ordem do primeiro para o terceiro lugares: Schleiden Nunes Pimenta (Bernardino de Campos – SP), com o trabalho “Aqui fora, bonecas e balas; em casa, prosas-de-bois”; Sinara Laurini Rossato (Uberlândia – MG), com o conto “O dia que matei a mosca”; e Edmir Vieira Camargo (Santo André – SP), com “Eternidade”. Os dez contos finalistas serão publicados no site da Fundação. O Jornal Monte Sião parabeniza e agradece a todos os participantes, em especial os vencedores, que engrandecem a cultura da cidade com seus trabalhos artísticos!

TELHADISTA – PROFISSÃO EM ALTA!

Graças aos efeitos do “El Niño” que leva ao aumento de tornados, ciclones, ventanias, pés-de-vento e tempestades que destelham casas e construções, a profissão de Telhadista entrou em alta porque os reparos aos danos provocados pelos eventos da natureza têm que ser rápidos e eficientes. É nessa hora que “chovem” pedidos e chamadas aos Telhadistas que encham as carteiras porque

as casas não podem ficar ao relento. Eventos cíclicos e ciclos de oportunidades!

BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO!

Encerrando mais um ano de atividades e tendo estado presente ante os leitores todos os meses do ano, a equipe do MONTE SIAO, formada por diretores, editores e colaboradores, deseja a todos os leitores e seus familiares BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO, sob a proteção Divina. Amém!

LEITOR NOVO DO MONTE SIÃO

Aderiu aos nossos textos o empresário paulista Sr. Luciano Fantin, diretor da TSFC – The Sharp Fin-tec Consultoria, de São Paulo, SP. Bem vindo Luciano e esperamos que possa se divertir com nossos escritos e que, também, possa usar o MONTE SIÃO para expor suas ideias. Chers!

ESTATÍSTICA E O PROJETO “O SEMEADOR DE LIVROS”

Atualmente, de acordo com o CATALOGO DE PUBLICAÇÕES DE AUTORES E ESCRITORES DE MONTE SIÃO, edição em PDF, dezembro /2023, são mais de 40 autores e mais de 200 textos publicados. O “MONTE SIÃO”. A FCPA – Fundação Cultural Pascoal Andreta e a AcervoEdições Artesanais, por intermédio do Projeto “O SEMEADOR DE LIVROS” se propõem a assessorar e até a ajudar na edição e publicação de autores novos. Venha conferir!

Fragmentos - 31

ARIOVALDO GUIRELI

1 Para Rose Marie Muraro criação é “sempre mais satisfatório que qualquer felicidade pessoal. O orgasmo da criação é mais intenso que o orgasmo sexual, mas só entende isso quem cria”. “Por isso, a vida inteira fui atraída pelo impossível. Só o impossível abre o novo. Só o impossível cria”. E afirma que, quando o macho descobrir essa sexualidade, não venderá mais a alma ao sistema, porque será plenamente resolvido. Classifica-se daí no propósito da crítica literária feminista com o objetivo de transformar as relações sociais. O objeto da crítica feminista é fundamentalmente político.

2 O médico pernambucano Josué de Castro ficou conhecido por suas pesquisas e obras como “Geografia da fome” e “Homens e caranguejos.” Foi deputado entre 1954 e 1958 defendendo a Reforma Agrária. Cassado pelo regime militar, combateu a ideia de que a fome e a miséria derivam do excesso populacional. Explicou que elas vinham da má distribuição dos alimentos, sobrando em várias mesas, e da terra, concentrada em poucas mãos. As preocupações de Josué seguem atuais. Estima-se, hoje, que 14 mil pessoas morrem de fome por dia no mundo! A sociedade continua desigual!

3 O exercício pleno da cidadania só se realiza dentro da democracia onde todo poder legítimo e verdadeiro emana do povo e é exercido direta ou indiretamente por ele, especialmente na escolha livre e consciente de seus representantes e quando os direitos humanos são plenamente reconhecidos, respeitados e praticados.

4 Ao Cine Brasil, do Cid Gotardelo, voltemos. Quase na hora marcada da sessão cinematográfica, o nosso personagem aparecia. Desengonçado. Fala mole. Alto. Magro. Gingava de um lado para o outro feito uma jangada. Ao apagar da luzes e início do jornal que antecedia ao filme anunciado, ele adentrava. E sua fala, mais que esperada, ecoava pelo recinto todo: “Ei dona Rita o fogo apaga e nós não pita”, “João tira a mão daí!”, “Maria ocê esticou o cabelo? Tá bonita feito uma cabrita”... E a risada era inevitável. Não perdia um filme, e os seus preferidos eram os faroestes. Trabalhava no Laticínio Sônia. E aos domingos, estava sempre vestido a caráter, para apitar uma partida de futebol no Estádio Municipal. Estamos escrevendo sobre Silvio Passarela, o popular Cuta.

5 Médico? Pra quê? Estou bem! E cada dia a família pressionava-o para que o mesmo fosse examinado. Um dia resolveu e foi. Tudo que o médico pediu ele cumpriu. Todos os exames feitos. E no dia do diagnóstico, a família, com ele, estava presente. Sentenciou o doutor: - Senhor Martinho. Tem aqui uma lista do que o senhor não pode comer ou beber, era extensa. Ao final, usando da palavra voltou-se ao médico e disse:- Se eu fizer tudo isto que o doutor quer que eu faça, quanto tempo de vida terei? O médico assustou com a pergunta, e disse que não poderia prever...Olhou para os familiares e buscou entre eles o mais novo, o Paulinho, e disse: Paulinho! Vamos agora pra adega, vamos comprar o garrafão de vinho tinto seco... Muito agradecido...E vocês paguem o que devem ao doutor. Inté!

6 Leia de Gabriel Garcia Marquez, “ A incrível e triste história da cândida Erêndira e sua avó desalmada”. Editora Record.

7 Este fragmento foi batizado pelo espetacular Padre Lúcio Canela.

8 Beijos gerais.

ACM

ADRIANO - CHARLES - MAURICE

CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

TELESON

TELECOM

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas

Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

SEBO DO ISMAEL

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180